
FREIRE, 100 ANOS E PERMANENTEMENTE CONTEMPORÂNEO

*Máximo Augusto Campos Masson¹
Sonia Maria Vanzella Castellar²
Renato Noguera dos Santos Júnior³*

Pensar um autor aos cem anos de seu nascimento é tarefa complexa, sobretudo se não queremos fazer dele apenas um ícone de reverência, em que a reafirmação contínua de elogios se sobreponha aos esforços da compreensão, terminando por promover, ainda que inadvertidamente, menos o entendimento e mais a consagração. Mesmo, como no caso de Freire, esta seja absolutamente justa dada a importância de seu trabalho, realizado em centros universitários da América Latina, Europa e dos Estados Unidos ou em povoados latino-americanos e africanos.

Para nós, brasileiros, Freire nos é particularmente importante por duplo motivo. Primeiro, por ter se tornado o mais internacionalmente reconhecido dos educadores brasileiros e não foram poucos os de qualidade singular como exemplificam nomes como Anísio Teixeira, Darci Ribeiro, Florestan Fernandes, entre outros. Educadores que, com Freire, comungaram esperanças de ver a sociedade brasileira superar as mazelas historicamente impostas da dependência e da opressão imperialista. E também, como Freire, foram objeto do ódio de classe dos socialmente dominantes internos e externos; de seus desejos de assegurar a reprodução contínua do obscurantismo mantenedor da desesperança e submissão dos subalternos.

Segundo, Freire apresentou uma particularidade que o destaca, a qual, parafraseando a Thomas Khun, o faz um “produtor de paradigma”, ainda que não em um campo propriamente científico. A originalidade de sua proposta pedagógica, pelas dimensão e abrangência que possui, transcende ao espaço e ao tempo de sua criação.

¹ Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Professora Titular da Faculdade de Educação da USP. Formada em Geografia pela Universidade de São Paulo (1984), mestrado em Didática pela Faculdade de Educação da USP (1990) e doutorado em Geografia, na FFLCH da Universidade de São Paulo (1996).

³ Professor do Departamento de Educação e Sociedade (DES), do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro).

Nesse sentido, compreendê-lo, apreendendo as posições que veio a ocupar no campo intelectual e no campo político, os efeitos simbólicos que transcenderam à sua presença viva, pois estamos hoje distantes mais de vinte anos de sua morte, implica em tomá-lo como um objeto de estudo, “objetivá-lo”, como diria Pierre Bourdieu. Assim, poderemos analisar os determinantes de sua contemporaneidade.

Nessa perspectiva, sem incidir em um objetivismo ultradeterminista ou em um subjetivismo intrinsecamente marcado pela ideologia do dom, poderemos buscar entender como no contexto de uma sociedade periférica, ainda que convulsionada pelos esforços de “modernizar-se”, veio a ser possível a produção de singular perspectiva de educação. Singular por, ao se contrapor ao tradicionalismo pedagógico, então absolutamente dominante nas práticas docentes das escolas brasileiras, afirmar de modo em nada ingênuo, a importância do reconhecimento das produções simbólicas dos socialmente dominados, sobretudo camponeses e operários iletrados, como elemento estratégico na consecução de projetos de alfabetização e educação formal. Proposta que também não classificava essas produções como manifestação dos arcaísmos próprios às “cultura folk”. Ao contrário, as considerava como sendo a base necessária para, por meio de processos educacionais, tornar possível aos subalternos, empreenderem “leituras do mundo” fora dos marcos da imediatez do senso comum. Fora dos espectros balizadores da conformação à ordem e da produção de autoimagens de desvalia, contrapondo-se à herança da opressão histórica de classe.

Objetivar Freire é condição fundamental para afirmar sua importância e a validade de suas proposições educacionais que ultrapassam os limites formais das instituições de ensino e, por consequência, desconstruir os ataques emanados de espaços desprovidos de qualquer legitimidade no campo intelectual, mas que reacendem seus ímpetos quando o imperativo político de seus interesses exige a eliminação de todo possível ou potencial opositor.

O momento brasileiro ou, apenas para ressaltar o drama latino-americano o boliviano, somente reafirmam o quanto é contemporâneo o pensamento de Freire. O quanto pode ser instrumento para que tragédias como a atual, em que o obscurantismo assassina brasileiros aos milhares, possam, talvez, não mais ocorrer e que os oprimidos desvançam os mitos dos opressores.

Com tais propósitos foi proposto aos editores de *Ensaio e Pesquisa em Educação e Cultura* este “Dossiê Paulo Freire”. Neste, sete artigos discutem a obra de Freire sob enfoque e óticas diversas, principalmente advindas das ciências sociais e da filosofia, procurando apreender determinantes da contemporaneidade do pensamento de Freire, bem como a ação não contestatória, mas difamatória do extremismo ultraconservador e profascista.

Assim sendo, Leonardo Maia nos apresenta em “*Paulo Freire e o Amor*” um “exercício de reflexão” sobre o pensamento de Freire, em que se afirma a contemporaneidade de toda a sua obra pedagógica, mas sinaliza para a ocorrência de uma, talvez progressiva, transformação conceitual: de uma “pedagogia do oprimido” para uma “pedagogia da autonomia” em que tanto a figura do educando como a do processo educacional ou pedagógico se alterariam. Haveria mesmo que não explicitado formalmente pelo próprio Freire, um redefinir do estatuto do educando. Ao início da obra de Freire o acento recairia na condição de opressão vivida pelo educando oprimido. Em seu último livro o acento se deslocaria para a condição de autônomo do educando. Fazendo uso em paralelo de Deleuze, Maia ressalta que esta “transição” estaria fortemente relacionada à categoria amor, presente nos primeiros escritos de Freire, porém ganhando dimensão ímpar nos últimos escritos e permitindo, ao menos como hipótese, buscar-se novos caminhos investigativos relacionados às relações pedagógicas e à emancipação política.

Por sua vez, Reuber Scoffano em “*A pedagogia dialógico-polifônica de Paulo Freire: um antídoto contra o emergente pensamento autoritário e antidemocrático*” sublinha o caráter dialógico que as relações entre educadores e educandos devem se estabelecer. A partir desse caráter, Freire veio a construir a categoria de “*didiscência*”, para assim sublinhar o equívoco do tradicionalismo pedagógico. Este afirma a autoridade do professor por meios institucionais e não por processos fundado no reconhecimento mútuo dos saberes de educandos e educadores e, dessa forma, “cala a voz” dos primeiros. Scoffano ressalta ter a “pedagogia problematizadora” de Freire um efeito polifônico – e não monofônico – possibilitando aos educandos, em especial os socialmente subalternos, se apropriarem da palavra, da leitura do mundo e poderem suas vozes ganhar autonomia e legitimidade, negadas pelas práticas pedagógicas tradicionais, “bancárias”, como Freire as denominou.

Em seguida temos o artigo “*Quero aprender a ler e escrever para deixar de ser sombras dos outros*”, de Fábio Oliveira, em que o autor, descrevendo a trajetória de Freire, aponta para as motivações do governo de Jair Bolsonaro vem, por meio de seus ministros da educação, se contrapor a quaisquer ações de maior democratização em educação e promover por meios midiáticos a estigmatização da obra de Paulo Freire. Ressalta o ataque empreendido contra as universidades e demais instituições de ensino superior federais, sublinhando as medidas empregadas para inviabilizar o funcionamento dessas instituições.

Rodrigo Pain em “*A educação decolonial e Paulo Freire na perspectiva da avaliação escolar*” salientando a persistência de práticas pedagógicas que incidem negativamente sobre estudantes oriundos das classes subalternas e reafirmadoras de estereótipos meritocráticos,

como as práticas relacionadas a processos de avaliação, discute elos possíveis entre a obra de Paulo Freire e a perspectiva decolonial de autores como Aníbal Quijano.

Com este enfoque analítico focaliza a reprodução de práticas etnocêntricas no universo das escolas brasileiras, cujas características institucionais tornam a superação dessas práticas pelos professores uma necessidade urgente, porém, que se depara com obstáculos políticos históricos. Esses vieram a assumiram dimensão ímpar na conjuntura atual e se constituem em móvel de novo tipo de violência simbólica no cotidiano escolar.

Trabalhando sobre as relações entre práticas pedagógicas, currículo e intolerância e silenciamento da memória dos socialmente oprimidos Ione Dias e Cleyde Amorim nos apresentam em “*Contribuições de Paulo Freire para uma proposta curricular de enfrentamento ao racismo nas escolas*”, análise de projeto desenvolvido tendo por objetivo a formação de professores da educação para a temática Educação e Relações Étnico-Raciais.

Discorrendo as relações entre currículo, formas de dominação e constituição de subjetividades, as autoras analisam os intrínsecos elos entre as proposições de Freire e o combate à toda forma de racismo, sublinhando a importância do pensamento freireano se fazer presente nos processos de formação continuada de professores como veio a ser na experiência relatada e os desdobramentos possíveis mesmo em conjunturas políticas de avanço do novo ativismo conservador.

Ainda tendo por universo de pesquisa as escolas e professores da educação básica, Luciano e Lucila Pesce de Oliveira em “*A contribuição de Paulo Freire para o uso crítico de memes no ensino de literatura no ensino médio*” nos oferecem exemplo de emprego de autores situados em outras áreas de conhecimento, como Mikhail Bakhtin, em conjunto às proposições de Paulo Freire.

Tomando como objeto o emprego de elementos de linguagem fortemente presentes na cultura juvenil e escolar contemporânea como vem a ser os memes, demonstram como é possível realizar de forma altamente criativa a articulação entre autores originalmente de distintas áreas de conhecimento, e salientando a importância que o estudo da linguagem ocupa na obra de Freire, condição necessária inclusive para o sucesso de sua proposta de alfabetização, o famoso “Método Paulo Freire”.

Finaliza o dossiê o artigo “*Freire, Bordieu e as possibilidades de práticas educacionais democráticas*” de Maria Teresa Van Acker, que busca demonstrar aproximações possíveis entre as proposições pedagógicas de Freire e a sociologia de Pierre Bourdieu, em especial seus estudos sobre os processos educacionais. Embora considerando as diferenças de enfoques

epistemológicos de ambos, ressalta diversos pontos de aproximação nas formas como analisam os modos de dominação concretizados em processos educacionais.

Apesar de diferenças terminológicas quanto às categorias formuladas por Freire e Bourdieu, a autora indica a possibilidade dos dois autores poderem ser empregados como fontes para análise das instituições de ensino e também para o desenvolvimento de projetos que tenham por objetivo se contrapor no âmbito das instituições de ensino à reprodução das relações de dominação de classe e sua legitimação por maneiras diversas de violência simbólica.

Esperamos que as contribuições apresentadas pelos autores que responderam ao nosso convite, possibilitem, dada a diversidade de enfoques e modos de abordagem da obra freiriana, a ampliação de nossos olhares acerca do legado de Paulo Freire. Obra que por força de toda sua complexidade, se mostra efetivamente contemporânea e nos instiga a ousar compreender o tempo presente, tarefa que exige praticar um princípio de Freire: a crítica a todo tipo de dogmatismo, obstáculo primeiro ao conhecimento e à leitura e transformação do mundo.